

CRÍTICA CULTURAL

PRIMO LEVI: O ESCRITOR-TESTEMUNHA DE *AUSCHWITZ*

João Carlos Soares ZUIN¹

- RESUMO: Primo Levi (1919-1987) foi um sobrevivente e narrador de *Auschwitz*. Este artigo propõe-se a fornecer elementos para estudar o papel intelectual desempenhado por Primo Levi.
- PALAVRAS-CHAVE: Primo Levi. Narração. *Auschwitz*. Modernidade.

No início do livro *Era dos Extremos*, Hobsbawm (1995) citou doze pessoas e suas respectivas visões sobre o século XX. Pelo ponto de vista da filosofia, história da arte, antropologia, ciência, música, história, ecologia e literatura, foram apontadas as trágicas guerras mundiais e os fantásticos progressos da ciência, a violência contínua e os avanços políticos, a multiplicação da população mundial e os campos de concentração e extermínio, as esperanças formuladas e a efemeridade dos ideais como justiça, liberdade e igualdade. Um século profundamente marcado pela contradição e antítese, pelo assombroso domínio científico da matéria (tanto no microcosmo como no macrocosmo) e pelas políticas de destruição material e humana em escala progressiva. Na construção do seu “olhar panorâmico” sobre o século XX, Hobsbawm (1995) utilizou como terceira epígrafe a seguinte reflexão de Primo Levi:

Nós, que sobrevivemos aos campos, não somos verdadeiras testemunhas. Esta é uma idéia incômoda que passei aos poucos a aceitar, ao ler o que outros sobreviventes escreveram – inclusive eu mesmo, quando releio meus textos após alguns anos. Nós,

¹ Departamento de Ciências Sociais – Centro de Ciências Humanas – UEL – Universidade Estadual de Londrina – 86051-990 – Londrina – Paraná – Brasil. Email: jczuin@uel.br

sobreviventes, somos uma minoria não só minúscula, como também anômala. Somos aqueles que, por prevaricação, habilidade ou sorte, jamais tocaram o fundo. Os que tocaram, e que viram a face das Górgonas, não voltaram, ou voltaram sem palavras. (LEVI, 1990, p.47 apud HOBSBAWM, 1995, p.11).

O uso como epígrafe desta passagem de Os Afogados e os Sobreviventes é muito significativo: para o autor de Era dos Extremos, Primo Levi é um dos personagens que pode nos ajudar a compreender o extremo da violência cometida contra a humanidade no “breve século XX”, pelo fato de que esteve em *Auschwitz* onde “[...] os confins do espírito, o não-imaginável estavam lá” (LEVI, 1990, p.79), onde a violência total foi realizada e, sobretudo, porque buscou, obstinadamente, compreendê-la.

Para o sobrevivente de *Auschwitz*, assumindo a condição de testemunha por delegação devido ao fato de que a testemunha integral estava morta, viver implicava em narrar a existência do *Lager*, campo de concentração e extermínio. Contudo, como explicá-lo? Como comunicar o comportamento humano em situações extremas? Quais palavras poderiam revelar a estrutura de poder, os processos políticos, as relações e ações sociais que retiraram a humanidade do outro, transformando o homem no não-homem, o vivo no morto-vivo, o homem no ser animalizado, e que também expuseram a alteridade do homem, a ferocidade represada na face velada pela cultura do homem gorgônio, do mal radical, do poder do terror e da morte presente no próprio homem e posta em marcha na dinâmica social do totalitarismo? Sabendo que “as verdades incômodas têm um caminho difícil” (LEVI, 1990, p. 97), sua reflexão sobre *Auschwitz* procurou vencer as poderosas barreiras da incompreensão e da incredulidade, do silêncio e da indiferença. Compreender e interpretar *Auschwitz* foi a tarefa imperativa que se impôs após a libertação, um profundo esforço que resultou na publicação dos seguintes livros: *É Isto um Homem?* (1947), *A Trégua* (1963), *A Tabela Periódica* (1975), *Lilith* (1981), *Se não Agora, Quando?*(1982), *Os Afogados e os Sobreviventes* (1986)².

A vontade de testemunhar o horror dos campos de concentração e extermínio estava presente em vários prisioneiros, dentre eles, Wiesel, Altelme, Langbein, Améry, Semprun, Bettelheim, Wiesenthal, Sereny. Retirados brutalmente da

condição humana (dos direitos, da cidadania, da comunidade, da família, da profissão e dos seus valores), expostos diariamente à política da desumanização e da degradação da vida e da morte, exauridos pela fome e pelo frio, reduzidos numa existência vazia preenchida somente pelo extenuante trabalho escravo, mesmo assim, uma das razões para continuarem a viver era de vir-a-ser uma potencial testemunha. No “Apêndice” da edição escolar de *É isto um Homem?*, organizada por Einaudi em 1976, Primo Levi (1989, p. 329) afirmou que

[...] era tão forte em nós a necessidade de narrar, que havia começado a escrevê-lo lá, naquele laboratório alemão em meio ao gelo, a guerra e os olhares indiscretos, ainda que soubesse que não poderia de modo algum conservar aquelas anotações, pois se fossem encontradas comigo me custaria a vida.

Qual seria o nome da força que o impelia para continuar vivo no interior da vida reduzida à dimensão zoológica? Acreditamos que uma possível resposta pode ser encontrada na sua concepção de mundo humanista e iluminista, na recusa em ceder ao irracional nas suas múltiplas formas, no esforço em manter a dignidade humana, no dever de denunciar as injustiças e as violências inauditas, enfim, no ímpeto de querer narrar a barbárie realizada na Europa do século XX. Ao ser questionado sobre as marcas que ficaram na sua vida durante e após a vivência em *Auschwitz*, Primo Levi (1998, p.75) disse que “[...] recordo haver vivido meu ano em *Auschwitz* num estado de espírito excepcionalmente vivaz”, revelando que “[...] tinha um desejo intenso de entender [...] um ambiente monstruoso mas novo, monstruosamente novo.” Podemos, assim, apontar para um dos aspectos da sua fisionomia intelectual: a capacidade de manter acessa a chama da razão, a abertura intelectual para o desconhecido, a vontade de compreender as aventuras e desventuras vividas, a procura pelo sentido das palavras que pudessem descrever e comunicar uma das principais tragédias e catástrofes do século XX.

Compreender tal realidade, para fazer-se compreender, foi a escolha de Levi após a libertação e o retorno à vida normal na Itália do pós-guerra. Dentre outras possíveis escolhas, como o esquecimento e o silêncio, nosso autor optou por viver dentro do labirinto de *Auschwitz*, examinando minuciosamente todas as lembranças que sua memória reteve deste universo. Questionado sobre o sentido da recordação para um deportado e sobrevivente,

² Cf. LEVI, 1997a, 1997b, 1994, 1996, 1989, 1990.

argumentou que se tratava de uma escolha pessoal dentre outras possíveis formas de existência:

[...] conheço companheiros de deportação que conseguiram apagar tudo, procurando o quanto possível esquecer tudo. Alguns conseguiram suprimir, por assim dizer, essa recordação que os molestava; outros a suprimiram nas horas diurnas, mas sonham com ela pela noite; outros vivem dentro dela e eu escolhi este caminho. (LEVI, 1998, p. 34).

A força da sua escolha, a de viver dentro da recordação contínua de *Auschwitz*, pode ser vista logo nos dois primeiros capítulos de *É Isto um Homem?*, concisa e precisamente intitulados “A viagem” e “No fundo dúvida”, nos quais nosso autor conseguiu transformar três experiências pessoais em três equações sociais, a saber: 1) a essência do nazismo: o processo político de animalização e reificação do outro; 2) o profundo vínculo entre o trabalho e a morte; 3) o fechamento da comunidade lingüística e a destruição da razão. Vejamos cada uma destas equações sociais.

A primeira experiência ocorreu durante a evacuação do campo de Carpi-Fòssoli pelo exército alemão:

[...] com a absurda precisão à qual em breve nos acostumaríamos, os alemães fizeram a chamada. Ao final – *Wieviel Stück?* – perguntou o sargento, e o cabo, batendo continência, respondeu que as “peças” eram seiscentas e cinqüenta, e que tudo estava em ordem. Embarcaram-nos, então, nos ônibus, e nos levaram para a viagem. E lá recebemos as primeiras pancadas, o que foi tão novo e absurdo que não chegamos a sentir dor nem no corpo nem na alma. Apenas um profundo assombro: como é que, sem raiva, pode-se bater numa criatura humana?(LEVI, 1997a, p.14-15).

A memória de Levi reteve um dos problemas mais significativos da modernidade que teve o seu apogeu nos campos de concentração e extermínio: a possibilidade da negação total da condição humana por parte do próprio homem. No diálogo entre os soldados alemães, Levi soube guardar o principal e o decisivo, a saber, a nova linguagem criada pelos ideólogos do nazismo para o povo de senhores (*Herrenvolk*) impunha a separação da comunidade humana em dois grupos: os homens e os bárbaros, a raça superior e as raças inferiores. Ao usar a palavra *Stück* os soldados alemães cumpriam o dispositivo cultural do nazismo

que negava a qualidade humana nos deportados e prisioneiros, bem como estabelecia que “[...] a língua deveria refletir em si e reforçar a hierarquia que a guerra instituía sobre os campos de batalha” (BURGIO, 1994), de modo que as “raça inferiores” deveriam ser denominadas por termos não-humanos, tais como “porcos”, “insetos”, “animais nocivos”, “parasitas”, “vermes”, “peças”(AGAMBEN, 1998; BURGIO, 1994). No diálogo retratado, podemos compreender que uma das principais raízes do nazismo é a negação da humanidade nas chamadas raças inferiores, expostas ao violento processo de bestificação e reificação. Contudo, o espaço de exceção, que caracteriza o campo de concentração e extermínio, não impunha somente a desumanização do outro no plano da linguagem. A violência física gratuita e sem limites, os gritos incompreensíveis, constituíam partes do mesmo processo de desumanização que se iniciava antes mesmo da chegada ao campo de concentração.

O segundo acontecimento ocorreu no momento de ingresso no imenso complexo de *Auschwitz*. Ao desembarcarem dos caminhões que os trouxeram da estação ferroviária, a memória de Levi (1997a, p.20) preservou uma fortíssima imagem:

O caminhão parou; via-se um grande portão e, em cima do portão, uma frase bem iluminada (cuja lembrança ainda hoje me atormenta nos sonhos): ARBEIT MACHT FREI – o trabalho liberta.

Como se sabe, a expressão é de Martin Lutero, criada para afirmar a postura ascética da ética da salvação através do trabalho. Todavia, como o trabalho reduzido na sua pior forma de alienação, o escravo, poderia libertar os deportados e os prisioneiros? Como podemos entender o uso da máxima de Lutero pelos nazistas? Ciente das muitas possibilidades de resposta, e da certa insuficiência de cada uma delas, apontamos apenas para a síntese efetuada por Levi (1997b, p.21) dezesseis anos mais tarde em *A Trégua*:

[...] enquanto o lento passo dos cavalos de Yankel me conduzia para a tão distante liberdade, desfilavam pela última vez sob os meus olhos os barracões, onde eu sofrera e amadurecera, a praça da convocação, onde ainda se erguiam, lado a lado, a força e uma gigantesca árvore de Natal, e a porta da escravidão, na qual, agora inúteis, liam-se ainda as três palavras de escárnio.

As “três palavras de escárnio”, lidas ao passar pelo portão de *Auschwitz*, indicavam que o sentido da vida e do trabalho eram profundamente alterados, convulsionados, regidos agora por uma estrutura de opressão e terror dentro da qual o destino “certamente da maioria era morrer”, pois “[...] estava previsto morrer no trabalho” (LEVI, 1998, p.121). Elie Wiesel (2001, p.59) expôs o mesmo vínculo entre o trabalho e a morte, ao narrar o que escutara de um oficial da S. S. logo no momento de ingresso no *Lager*:

Lembrem-se sempre, gravem em sua memória. Vocês estão em *Auschwitz*. E *Auschwitz* não é uma casa de repouso. É um campo de concentração. Aqui, vocês têm que trabalhar. Senão, irão direto para a chaminé. Para o crematório. Trabalhar ou o crematório – a escolha está em suas mãos.

De fato, na equação do oficial da S.S. “o trabalho liberta” **momentaneamente** da morte certa que já fora decretada, pois a “Morte em *Auschwitz* era trivial, burocrática e cotidiana”. (LEVI, 1990, p.90). É importante, também, refletirmos sobre a segunda parte do problema exposto por Levi (1997b), a “frase bem iluminada” que reapareceria nos seus sonhos durante toda a sua vida. A angústia, dentro do sonho, causada pela recordação das palavras desconhecidas mas ameaçadoras, das frases imperativas e mortais, das ações desumanas, mas que nascem do humano, revela a fragilidade e impotência do indivíduo perante o universo totalitário, bem como o medo do seu retorno. Seja qual for o caminho pelo qual a condição humana retém e manifesta a lembrança, pela consciência ativa ou pelas manifestações oníricas do inconsciente, importa destacarmos a conservação do problema, a obrigação de vê-lo novamente, de ressentir a violência, de modo que, podemos afirmar que esta disposição foi a característica mais poderosa da narrativa moral e histórica de Primo Levi.

A terceira experiência ocorreu no interior de *Auschwitz*, logo após os rituais de humilhações e violências da nudez coletiva, das inspeções sanitárias, do corte do cabelo e da demarcação numérica do corpo, quando então fora concluída a transformação na condição humana nos deportados: de seres humanos que possuíam nomes, valores culturais, sentimentos, hábitos e língua, eram reduzidos a *Häftling*, prisioneiro, cujo número fora gravado no corpo e na roupa. Situado “no fundo”, instalado no interior do

barracão onde dormiria e estaria confinado, Levi (1997a, p.27,) narrou a seguinte experiência pessoal:

[...] com toda aquela sede, vi, do lado de fora da janela, ao alcance da mão, um bonito caramelo de gelo. Abro a janela, quebro o caramelo, mas logo se adianta um grandalhão que está dando voltas lá fora e o arranca brutalmente da minha mão. – *Warum?* – pergunto, em meu pobre alemão. – *Hier ist kein warum* – aqui não existe por quê, responde, empurrando-me para trás.

O fechamento da comunicação entre os homens foi uma das mais profundas observações de Primo Levi (1990) sobre esta estrutura política de desumanização e reificação do homem. *Auschwitz* representa a negação de um dos princípios mais radicais para que haja o ser humano: a comunicabilidade. Se a construção do logos sempre foi um **dia-logos**, diálogo entre pelo menos dois, o fechamento abrupto da comunicação significava a negação do logos e, no limite, da razão. Foi o que rapidamente compreendeu Primo Levi (1990, p.53) sobre a dinâmica social em *Auschwitz*:

[...] o uso da palavra para comunicar o pensamento, este mecanismo necessário e suficiente para que o homem seja homem, tinha caducado, [o que] era um sinal: para eles (os soldados da S.S.), não éramos mais homens; conosco, como com vacas ou mulas, não havia diferença substancial entre o berro e o murro.

A extensão e os efeitos desta linguagem da violência foi amplamente revelada em *É Isto um Homem?*, sobretudo quando Levi (1997a, p.73) usou a analogia do mito da Torre de Babel, da punição divina que separou a unidade dos homens tornando impossível a troca lingüística, para expressar o campo de concentração como uma nova Babel que possuía sua torre:

[...] a Torre de Carbueto, que se eleva no meio da fábrica e cujo topo raramente se enxerga na bruma, fomos nós que a construímos. Seus tijolos foram chamados *Ziegel*, *briques*, *tegula*, *cegli*, *kamenny*, *bricks*, *téglak*, e foi o ódio que os cimentou; o ódio e a discórdia, como a Torre de Babel, e assim a chamamos: *Babelturm*, *Bobelturm*, e odiamos nela o sonho demente de grandeza dos nossos patrões, seu desprezo de Deus e dos homens, de nós homens.

Na nova Babel, erguida pelo novo povo de senhores, significativamente chamados por Levi (1997a) de patrões,

reinavam tanto o não-entendimento e a não-comunicabilidade entre os novos escravos que falavam “quinze ou vinte línguas” de “todas as nações da Europa”, como o imperativo absoluto da punição da morte para aqueles que não cumprissem diariamente a maldição do trabalho escravo.

Para Primo Levi (1990) importava entender, para revelar, o *Lager* como uma gigantesca “fábrica da morte”, na qual se produziu “[...] o assassinato administrativo de milhões de pessoas” e onde “a morte foi convertida em algo que nunca havia sido temido dessa forma.” (ADORNO, 1986, p.362), mas também como lugar de terror, trabalho forçado e exploração máxima do homem pelo homem. Foi o que revelou em 1985, numa entrevista sobre *Auschwitz*, uma entre as centenas de depoimentos e entrevistas concedidos por um homem tímido e retraído (o que é muito significativo!). Revelando uma nova visão sobre o *Lager*, ademais daquela já narrada desde a publicação de *É Isto um Homem?* 1947, nosso autor afirmou que possuía uma nova compreensão sobre os acontecimentos sofridos há quase quarenta anos. No balanço crítico entre o que escreveu e o que com o tempo soube, havia “de certo modo uma distorção da realidade” que gostaria de esclarecer:

[...] o campo de Monowitz em que estive internado não se parecia em nada com o complexo de campos de concentração de *Auschwitz*. Monowitz se encontrava a sete quilômetros de *Auschwitz* e não foi igual. Embora pensava escrever a história autêntica da experiência do campo de concentração, na realidade estava escrevendo a história de meu campo, somente do meu. Naquela época, a seleção dos prisioneiros que seriam exterminados era mais moderada: matava-se de 10 ou 15 por cento do campo, não os 40 ou 90 por cento, como fizeram em Treblinka. Tinham necessidade de força de trabalho, compreende? Tudo esta documentado: o conflito entre as S.S., que queriam matar todo mundo, e as indústrias alemãs que, por motivos econômicos, logo não por motivos humanitários, diziam: ‘Um trabalhador que morra no curso de uma semana não nos serve para nada. Queremos trabalhadores que agüentem ao menos três ou seis meses’. Tudo isto saiu à luz no processo de Nuremberg. Anos depois soube pelo livro de Borin que meu campo, em realidade, pertencia à indústria I.G. Farben; era um campo de concentração privado. Não pertencia às S.S. (LEVI, 1998, p.57).

Dentre as muitas questões aqui contidas, importa precisar o problema que Levi (1998) apontou: o campo de Monowitz, situado dentro do imenso complexo de *Auschwitz*, era um campo de trabalho da poderosa empresa alemã *I.G. Farbenindustrie* criado para a fabricação de borracha sintética. Em seu livro sobre o século XX, Paul Johnson (1990, p.347) descreveu os estreitos vínculos entre a *I.G. Farbenindustrie* e *Auschwitz*:

[...] em agosto de 1941, usando quinhentos prisioneiros de guerra soviéticos como cobaias, Höss conduziu um assassinato em massa com zyklon-B. Esse gás foi desenvolvido por uma firma de controle da peste, chamada Degesch, a corporação de combate às pragas, um ramo da I.G. Farben. A descoberta do zyklon-B, disse Höss, ‘faz a minha mente poder descansar’. Uma encomenda enorme de gás foi expedida pela S.S., com instruções de omitir o componente “indicador” que advertia sobre o perigo aos seres humanos. Os dividendos da I.G. Farben, provenientes da Degesch, duplicaram no período de 1942-44, e pelo menos um diretor sabia do uso que estava sendo feito do gás: o único protesto da Degesch era que, se omitisse o “indicador”, poderia comprometer sua patente.

Logo, ademais de ser um *locus* criado para o terror e o extermínio, o *Lager* era também uma fábrica. Tripla era a sua razão de ser: lugar de terror e confinamento dos indesejáveis, lugar de exploração do trabalho reduzido à sua pior forma, a escravidão, e lugar de “fabricação de cadáveres” (ARENDR, 1993, p.13). Para Levi, com o passar dos anos, a verdade dos campos de concentração, paradoxalmente, era mais nítida e sensata. Segundo nosso autor

[...] quase todos os campos de concentração eram campos de trabalho (portanto, a exploração existia, e tratando de uma exploração, a morte do explorado era menos útil...), por isso havia uma questão de compromisso entre o extermínio e a exploração até o final. (LEVI, 1998, p.44).

Auschwitz foi uma construção típica do século XX, que fundia em si mesma a mais alta racionalidade dos meios (a engenharia de construção do campo, a logística, a divisão do trabalho, a fábrica, a administração burocrática e racional, a racionalidade instrumental e funcional, o monopólio da força pelo Estado) e a mais completa irracionalidade dos fins (a desumanização e o extermínio dos judeus, comunistas, eslavos, ciganos, homossexuais, presos

políticos). Espaço de exceção onde a ciência se separou da ética, a racionalidade revelou-se puramente instrumental e a política operou a destruição do outro. É o que podemos ler na análise do *Lager* efetuada por Giorgio Agamben (2002, p.166):

[...] privados de quase todos os direitos e expectativas que costumamos atribuir à existência humana e, todavia, biologicamente ainda vivos, eles vinham a situar-se em uma zona-limite entre a vida e a morte, entre o interno e o externo, na qual não eram mais que vida nua.

Situados numa “zona cinzenta”, termo cunhado por Levi, no *Lager* os prisioneiros testemunharam segundo Agamben (2002, p.173) “[...] a mais absoluta *conditio inhumana* que se tenha dado sobre a terra.” Poder total de um lado, ausência total de direitos do outro, em tal assimetria Agamben afirma estar o *nómos* da modernidade, isto é, a hipertrofia do poder do Estado e a impotência dos indivíduos, sempre sujeitos ao processo de redução forçada à vida nua e ao extermínio.

A dimensão moderna da relação de força e poder concentrada nas instituições do Estado foi diagnosticada por Max Weber (1973) no ensaio *O Sentido da Neutralidade Valorativa das Ciências Sociológicas e Econômicas*, publicado em 1917. Numa passagem extremamente significativa, o sociólogo alemão observou que:

O desenvolvimento dos últimos decênios e, em particular, os acontecimentos sem precedentes de que hoje somos testemunhas têm elevado fortemente o prestígio do *Estado*. Somente para ele, entre todas as comunidades sociais, é hoje atribuída uma força “legítima” sobre a vida, a morte e a liberdade; e seus órgãos utilizam tal poder contra os inimigos externos na guerra, e, na paz e na guerra, contra os opositores internos. Na paz, é ele o maior empresário e cobrador de tributos sobre os cidadãos, e na guerra dispõe ilimitadamente de todos os bens econômicos ao seu alcance. (WEBER, 1973, p.267, grifo do autor).

Max Weber (1973) apontava para uma dimensão fundamental da sociedade capitalista moderna, a crescente extensão do poder de intervenção do Estado no interior do território nacional, bem como fora dele nas guerras de conquista e dominação. Se o processo de civilização encontrava no Estado racional-burocrático sua estrutura mais complexa, que ao lado do monopólio da força e da violência determinava o sentido que deveria ter “a vida, a

morte e a liberdade” dos indivíduos na paz e na guerra, interna e externamente ao território soberano, então *Auschwitz* levou ao limite toda a violência que pode ser organizada e praticada por um Estado moderno. Se a característica da modernidade é a racionalidade produtiva e administrativa, então em *Auschwitz* foi criado um sistema de fabricação da morte de tipo industrial, funcionando como “gigantesca máquina de morte” (LEVI, 1989, p. 339), composta por uma ampla rede de administração e divisão de trabalho. Se a racionalidade instrumental e administrativa engendrou a impessoalidade, a frieza e a eficácia nas relações sociais, em *Auschwitz* ocorreu a total perda da responsabilidade ética dos atores sociais, presente tanto nos soldados da S.S e nos industriais alemães, como nos *Kapos* membros do *Sonderkommand* (“Esquadrão Especial”, composto por prisioneiros e destinado à manutenção da ordem e execução das tarefas diárias, dentre elas o extermínio), de modo que cada um deles executava a sua tarefa sem colocar em questão a finalidade de seu trabalho. No início de *Os Afogados e os Sobreviventes*, Levi (1990, p.4) precisou o sentido do campo de concentração, afirmando que se tratava de um “[...] *univers concentrationnaire*, mas não era um universo fechado”. Uma diferença sutil, mas de profunda relevância, pois a partir dela devemos entender os vínculos que existiram entre o nazismo e “[...] as sociedades industriais grandes e pequenas, empresas agrícolas, fábricas de armamentos obtinham lucro da mão-de-obra quase gratuita fornecida pelos campos” (LEVI, 1990, p.4).

O profundo esforço da narrativa moral e histórica de Primo Levi era voltado para o não esquecimento das ações e relações sociais, processos e estruturas de poder contidas no universo totalitário. Seus livros buscavam informar o leitor, almejando contribuir para a formação de uma nova consciência moral e política naqueles que não viveram o mundo da violência sem limites, as lacerações morais e éticas, a derrota da razão e a construção bio-política do não-homem, do ser reduzido ao estado zoológico. Para Alberto Burgio (2001, p.148), “[...] a verdade é de quem fala: não dita, quase esquecida, cessa de existir” e “este pensamento sempre torturou Primo Levi e atormentava os deportados já nos anos infernais.” A importância da narrativa de Primo Levi também foi apontada por Tzvetan Todorov³, seja em *Era dos Extremos*, seja em *Memória do Mal, Tentação do Bem*, cujo primeiro capítulo

³ Cf. TODOROV, 1995, 2001.

foi intitulado de “O século de Primo Levi”. Para Todorov (1995, p.287), na narrativa de Levi está presente “[...] um esforço ímpar na literatura contemporânea, tanto pela variedade das questões levantadas quanto pela própria qualidade da reflexão.” Variedade e profundidade das reflexões contidas na composição de sua narrativa que descrevia, ao mesmo tempo que interpretava, tanto o sentido da ação de grupos inteiros (os alemães, os *Kapos*, os afogados, os sobreviventes, os muçulmanos, os judeus), como os indivíduos que habitaram o campo de *Auschwitz* (a imensa plasticidade do ser humano, seja apontando para aqueles que mantiveram a dignidade humana como Lourenço e Alberto, seja para os que a perderam e praticaram toda a vontade de potência do nazismo como o Dr. Pannwitz, o *Kapo* Alex). Na narrativa dos grupos e dos indivíduos, Levi soube colher as suas singularidades e posições concretas, as ações e relações sociais, os valores, os desejos e medos, enfim, a tipicidade das relações humanas no interior do espaço totalitário.

Desumanização é a categoria central para compreendermos o universo totalitário. *Auschwitz* representou a continuidade de um longo processo de desumanização do outro que se iniciou com a expansão colonial e atingiu o interior da Europa no século XX. A desumanização do outro ou do inimigo, sempre existiu na história da humanidade, nas tribos, no mundo grego e romano, na idade média, no colonialismo e imperialismo europeu. A singularidade da desumanização do outro efetuada pelo nazismo reside na organização burocrática e racional e no uso da eficácia tecnológica, características do Estado moderno. Vimos que o processo de transformação do homem em “peça”, “animal”, “sub-raça”, “sub-homem”, tinha início no percurso dos trens rumo aos campos de concentração e extermínio, onde homens e mulheres, velhos e crianças, eram amontoados nos vagões de transporte de carga fechado por fora durante dias, sem higiene, comida, água e ventilação de ar. Contudo, foi no interior do campo que se efetuou a metamorfose do homem em *Häftling*, prisioneiro e, passo seguinte, em “animal”, “coisa”, “inseto”, “cachorro”, “porco”, “camelo”. O *Lager* impunha aos prisioneiros e aos guardas a perda da humanidade, dos valores morais e culturais duramente erguidos no processo de civilização. Foi o que também afirmou Altme (apud AGAMBEN, 1998, p.53), segundo o qual a “[...] negação da qualidade do homem provoca uma reivindicação quase biológica de pertencer a espécie humana.” A redução

biológica do ser humano, quando a vida torna-se vazia de conteúdo, implicava na “luta de cada um contra todos” (LEVI, 1997a, p.42). Nesta luta aberta e cega, os laços sociais, afetivos e culturais desapareciam conforme aumentava as privações do corpo, sobretudo pela fome e cansaço, e o enfraquecimento moral da condição humana.

O processo de desumanização era completado pela presença absoluta da morte, amplamente sentida pelos sentidos. Seja pela visão diária da multidão de muçulmanos, daqueles que chegaram “no fundo” e viram o rosto gorgônio dos S.S. e dos *Kapos*, aqueles que Levi (1997a, p.91) chamou de “os submersos”, os seres sem vida e para os quais “[...] hesita-se em chamá-los de vivos; hesita-se em chamar “morte” à sua morte, que eles já nem temem, porque estão esgotados demais para poder compreendê-la”. Seja pela audição diária das sentenças premonitórias ditas pelos S.S. e pelos *Kapos*, e narrada por Levi (1997a, p.48): “Du Jude kaputt. Du schnell Krematorium fertig, tu judeu liquidado, tu em breve crematório, acabado”. Seja pelo olfato, afetado, segundo Semprun (1995, p.16) pelo “[...] estranho cheiro adocicado, insinuante, com relentos acres, propriamente repugnantes [...] O cheiro insólito, que se revelaria ser o do forno crematório.” Seja pelo paladar, cuja comida era chamada pelos *Kapos* de *fressen*, palavra usada para designar a alimentação dos animais:

De vez em quando, o *Kapo* passa entre nós e grita: - *Wer hat noch zu fressen?* (Quem deve comer ainda?). Realmente, *fressen* não é bem “comer”. “Comer” é comer como gente, sentados à mesa, religiosamente: é *essen*. *Fressen* é comer como bichos. (LEVI, 1997a, p.76).

Seja pela somatória dos sentidos, como narrou Wiesel (2001, p.51) ao retratar a linguagem da violência dita por um *Kapo* do campo de Birkenau, parte do complexo de *Auschwitz*:

Estão vendo ali, a chaminé? Estão vendo? As chamas, estão vendo? (Sim, estávamos vendo as chamas.) Para lá, é para lá que vão levar vocês. É o seu túmulo. Ainda não entenderam? Cachorros, então não entenderam nada? Vão queimar vocês! Calcinar vocês! Reduzir vocês a cinzas!

Comunicar é o nome emblemático de um dos capítulos mais importantes escritos por Levi (1990) em *Os Afogados e os Sobreviventes*. Na sua leitura, vemos os efeitos da linguagem

da violência nos guardas e nos prisioneiros: “[...] falar e não comunicar, assim falar *para* não comunicar, para romper a passagem dos significantes, para impedir a compreensão, para interditar a inteligência e a crítica – é *evidentemente* possível.” (BURGIO, 1994, grifo do autor). Para Burgio, a transformação da língua no código esotérico foi um processo essencial para a destruição da comunidade lingüística e, dessa forma, também da unidade da espécie humana. Levi (1997a, p.125-126) foi um dos primeiros que observou as conseqüências da segmentação da língua e da comunicação entre os senhores e dos escravos, bem como da linguagem da violência que reinava em *Auschwitz*:

[...] se os Campos de Extermínio tivessem durado mais tempo, teria nascido uma nova, áspera linguagem, e ela nos faz falta agora para explicar o que significa labutar o dia inteiro no vento, abaixo de zero, vestido apenas camisa, cuecas, casaco e calças de brim e tendo dentro de si fraqueza, fome e a consciência da morte que chega.

Seria o triunfo, portanto, de uma linguagem reduzida ao mínimo necessário de comunicabilidade, mas profundamente eficaz em seu propósito de desumanização, dominação, exploração e extermínio. Em *Quel che Resta di Auschwitz*, Giorgio Agamben (1998, p.59) afirmou que

Auschwitz é a refutação radical de todo princípio de comunicação obrigatória [pelo fato de que] como recordou Marsalek, em certos Lager toda comunicação fora substituída pelo chicote de borracha que, por isso, era ironicamente denominado *der Dometscher*, o intérprete

O uso do chicote de borracha servia tanto para a compreensão das ordens ditadas pela língua alemã, a língua do povo dos senhores, como para afirmar a diferença substancial entre os homens, os alemães, e os membros das raças barbaras. Dentre as várias observações de Levi sobre a linguagem da violência, uma é fundamental para a compreensão dos efeitos da desumanização e reificação do homem em *Auschwitz*. Trata-se de uma recordação conservada na sua memória sobre uma cena diária de contagem dos prisioneiros, narrada por Levi (1990 a, p.53-54) da seguinte maneira:

Martelara-se na cabeça dos jovens nazistas que no mundo existia uma só civilização, a alemã; todas as outras, presentes ou passadas,

só eram aceitáveis na medida em que contivessem alguns elementos germânicos. Por isso, quem não compreendia nem falava o alemão era um bárbaro por definição; se se obstinava em tentar expressar-se em sua língua, ou melhor, em sua não-língua, era preciso fazê-lo calar-se a sopapos e repô-lo em seu lugar, a puxar, a carregar, a empurrar, porque não era um *Mensch*, um ser humano. Vem-se à memória um episódio eloqüente. No local de trabalho, o *Kapo* novato de uma brigada, constituída prevalentemente de italianos, franceses e gregos, não havia percebido que às suas costas se aproximara um dos mais terríveis vigilantes S.S. Voltou-se de uma só vez, perfilou-se desconcertado e enunciou a *Meldung*, a informação, prescrita: “Comando 83, quarenta e dois homens”. Em sua perturbação, dissera exatamente *zweiundvierzig Mann*, “homens”. O soldado o corrigiu em tom severo e paterno: não se diz assim, diz-se *zweiundvierzig Häftling*, quarenta e dois prisioneiros. Era um *Kapo* jovem e, portanto, merecedor de perdão, mas devia apreender o ofício, as conveniências sociais e as distâncias hierárquicas.

O processo de desumanização não se esgotava no uso do *der Dolmetscher* para os *Untermensch*. Em seu testemunho Levi narrou a maior singularidade do *Lager*: a transformação efetiva do homem no não-homem, do homem vivo no morto-vivo, do homem no muçulmano. Mediante tais transformações o homem animalizado tornava-se um “ser não falante” cujos efeitos eram devastadores:

[...] a quem não te fala, ou somente endereça gritos que para ti parecem desarticulados, não se ousa dirigir a palavra. Se tem a fortuna de encontrar por acaso alguém com que tenha uma língua em comum, bom para você, poderia trocar as tuas impressões, aconselhar-te com ele, desabafar; se não encontrar ninguém, a língua te seca e com a língua o pensamento. (LEVI, 1990, p.54).

Obliterando o uso da linguagem e da comunicação, o campo de concentração reduzia o prisioneiro ao ser de vida nua, desprovido da humanidade e relançado na esfera da pura animalidade. Para Agamben (1998), a redução do homem ao *zoé* (vida nua) foi uma das principais características dos campos de concentração e extermínio.

Os mecanismos de desumanização criados pelo nazismo potencializavam dinâmicas profundas existentes no ser humano, as pulsões da morte segundo Freud (1955), que entravam em choque

com o pragmatismo da razão instrumental. Quando a estrutura de poder permitia que as potências destrutivas presentes no homem fossem libertas e realizadas no outro, os seres embrutecidos descarregavam suas pulsões destrutivas naqueles que estavam ao seu redor. Foi o que procurou compreender durante toda a sua vida Primo Levi (1998, p.142):

[...] é um interesse que tenho por um problema muito relevante: por aquilo que há de animal em nós, quanto havia de animal nos nazis. Penso ainda hoje que uma das raízes do nazismo era zoológica: aquilo que conta Lorenz do que ocorre a uma rata de certo grupo que é introduzida no território de outro grupo é ilustrativo: são as câmaras de gás!

Acerca da ferocidade e da extensão da violência praticadas nos campos, a narração de Levi apontou para um problema central sobre o que é o homem ao narrar a estrutura do *Sonderkommando*, esquadrão especial, uma criação dos nazistas onde prisioneiros eram escolhidos para vigiar, punir e matar os outros prisioneiros. Segundo Primo Levi (1990, p.26) entre as funções dos chamados *Kapos*, uma corruptela da palavra italiana *capo*, estava

[...] manter a ordem entre os recém-chegados [...] que deviam ser introduzidos nas câmaras de gás; tirar das câmaras os cadáveres; extrair o ouro dos dentes; cortar os cabelos das mulheres; separar e classificar as roupas, os sapatos, o conteúdo das bagagens; transportar os cadáveres para os fornos crematórios e cuidar do funcionamento dos fornos; retirar e eliminar as cinzas. O Esquadrão Especial de *Auschwitz* contava, dependendo da época, com um efetivo entre setecentos e mil prisioneiros.

Os *Kapos* eram prisioneiros escolhidos “cuidadosamente” pelos “psicólogos” dos S.S., logo no momento em que desembarcavam dos comboios de trens vindos de toda a Europa, que observavam desde o vigor físico até mesmo a fisionomia. De um deles, dos chamados “corvos do forno crematório” (LEVI, 1990, p.29), Primo Levi escutou a seguinte afirmação sobre o trabalho executado diariamente no *Sonderkommando*: “[...] ao fazer este trabalho, ou se enlouquece no primeiro dia, ou então se acostuma.” (LEVI, 1990, p.28). Logo, caso não se enlouqueça no primeiro dia de trabalho, habitua-se ao ofício de matar. A morte como hábito, rotinizada como uma tarefa diária, é possível de ser

praticada pelo homem comum, este é um dos principais problemas revelados pela narrativa moral e histórica de Primo Levi.

No *Lager*, nas ações cotidianas efetuadas pelos *Kapos*, estaria um colossal enigma, o da redução do homem ao ser que sobrevive sem a ética da dignidade e da consciência moral, agindo conforme os ditames dos senhores, executando suas ordens sem refutação; no *Lager* esteve presente o homem que agiu como aquilo que ele também é, e que a cultura desde o seu processo de edificação ocultou ou negou, a animalidade do ser humano; no *Lager*, portanto, o homem revelou o recalcado, o prazer oculto de passar de alguém que sofreu impotente o desprazer ou a violência para aquele que prazerosamente executava a violência no outro. Numa reflexão profundamente densa, Levi (1997a, p.92) expôs os *Kapos* como sendo homens sem conteúdo, vazios, atormentados pela fome crônica e lançados num “inferno indecifrável” de sentido:

[...] são o típico produto da estrutura do Campo de Concentração alemão: basta oferecer a alguns indivíduos em estado de escravidão uma situação privilegiada, certo conforto e uma boa possibilidade de sobrevivência, exigindo em troca a traição da natural solidariedade com os companheiros, e haverá por certo quem aceite. Ele será subtraído à lei comum e se tornará intangível; será, então, tanto mais odioso e odiado quanto maior for o poder a ele concedido. Quando lhe for confiado o comando de um grupo de infelizes, com direito de vida e morte sobre eles, será cruel e tirânico, bem sabendo que, se não o for bastante, outro, julgado mais idôneo, tomará seu lugar. Acontecerá, ainda, que a sua capacidade de odiar, frustrada frente aos opressores, se volte, insensatamente, contra os oprimidos; ele ficará satisfeito ao descarregar sobre seus subordinados a ofensa que recebeu de seus chefes.

Na topografia do *Lager*, a figura dos *Kapos* é profundamente emblemática, complexa e contraditória. Para nosso autor, a existência dos *Kapos* “[...] foi o delito mais demoníaco do nacional-socialismo” (LEVI, 1990, p.28), pois permitiu a transformação da vítima em verdugo, do danado em opressor, bem como revelou o prazer manifesto por muitos em provar o gosto do chicote e a possibilidade dada de praticar no outro a violência outrora sofrida. No *Lager*, portanto, havia uma regra absoluta: “[...] os privilegiados oprimem os não-privilegiados” e “[...] na base desta lei, sustenta-se a estrutura social do Campo” (LEVI, 1997a, p.43). Todavia, nesta base estavam os elementos que compõem

a sociedade moderna em sua normalidade: dominantes e dominados, oprimidos e opressores, estruturas hierárquicas e privilégios, exploração e violência, frieza e impessoalidade. O que havia de singular era a violência em estado puro e, sobretudo, o fato de que quem a praticava era também um prisioneiro, um condenado à morte como os outros milhares ao seu redor. É por isso que Levi (1997a, p.88) afirmou que o *Lager* “[...] foi também (e marcadamente) uma gigantesca experiência biológica e social”. Uma experiência bio-política, dentro da qual para Levi, (1997a, p.88) “[...] nenhum pesquisador poderia estabelecer um sistema mais rígido para verificar o que é congênito e o que é adquirido no comportamento do animal-humano frente à luta pela vida.” Um espaço onde o homem revelou sua animalidade, onde a violência assumiu o lugar do diálogo, e no qual apontou Levi (1997a, p.88) “[...] frente à pressão da necessidade e do sofrimento físico, muitos hábitos, muitos instintos sociais foram reduzidos ao silêncio.” No *Lager* os “instintos sociais”, a moral e a ética, o valor da dignidade, a consciência e a consciência moral, a dimensão do bem e do mal, foram estilhaçados pela pressão do instinto de sobrevivência e animalização do homem. Reduzidos ao “animal-humano” os prisioneiros eram guiados pelas “[...] insuspeitadas forças ocultas que sustentam as estirpes e os indivíduos nos tempos cruéis.” (LEVI, 1997a, p.93). As “forças ocultas”, os instintos destrutivos eram ativados em todos, sobretudo, nos *Kapos*. É muito significativo o juízo que Levi (1997a) teceu sobre os vários *Kapos* que encontrou em *Auschwitz*, desde o primeiro que lhe socou sem que tivesse feito nada até o *Kapo* Alex que “[...] sem ódio nem escárnio, esfrega em meu ombro a mão, a palma e o dorso, para limpá-la”. Contudo, na sua narrativa a maioria dos *Kapos* foram retratados por oxímoros, como “o inocente bruto Alex” (LEVI, 1997a, p.110), bem como solicitou que aos “corvos do forno crematório” seja suspenso o desejo *a priori* que sentimos de condená-los. Com muita dignidade, afirmou que nos *Kapos* encontramos o homem na sua profunda “ambigüidade”, mas que “[...] é nossa, congênita, híbridos – que somos – de barro e espírito”(LEVI, 1990, p.38), sujeitos à sedução pelo poder e ao esquecimento de quem somos e do que sofremos.

Uma ambigüidade que forma a matéria humana, dentro da qual era nítido que a violência “forma parte da matéria humana” (LEVI, 1998, p.53). Uma afirmação que podemos vinculá-la ao caminho aberto no início do pensamento filosófico por Empédocles

(1973, p.220), para o qual “[...] o ser é ao mesmo tempo um e muitos, e o Ódio como o Amor fazem sua coesão.” Para o filósofo agrigentino, no homem está contido a existência de um perene e irresolúvel conflito entre *philia* (amor ou amizade) e *neikos* (ódio ou oposição). Eros e Tântatos foram os termos usados por Freud para expressar as pulsões contidas na psique humana, bem como a ambigüidade de sentimentos contidos em cada ser humano. Recordemos, brevemente, o final de *Mal-Estar na Cultura*, onde Freud (1955, p. 89-90) afirmou que:

[...] a meu juízo, o destino da espécie humana será decidido pela circunstância de se – e até que ponto – o desenvolvimento cultural logrará fazer frente as perturbações da vida coletiva emanadas do instinto de agressão e de autodestruição [...] Podemos somente esperar que a outra das “potência celestes”, o eterno Eros, desenvolva suas forças para vencer esta luta com seu não menos imortal adversário. Mas quem poderia afirmar o desenlace final?

Seja por quais conceitos ou categorias as pulsões e a ambalência de sentimentos foram teorizados importa aqui, nos limites deste ensaio, demarcarmos duas questões narradas por Primo Levi: o retorno sempre possível do recalcado, da violência bruta que forma parte do ser humano, e o quanto da condição zoológica, portanto humana, foi desvelada no *Lager*. A hierárquica cadeia de violência existente no totalitarismo, e amplamente desenvolvida no campo de concentração e extermínio, unia nos seus extremos o “líder carismático”, com sua manifesta vontade de potência, e os seus seguidores, ávidos pelo mesmo poder total, bem como promovia a identificação das vítimas com os seus agressores. No final do Apêndice da edição italiana de *É Isto um Homem?*, Primo Levi (1989, p.347) escreveu uma das frases mais emblemáticas sobre o homem e o universo do *Lager*:

É preciso recordar que estes fiéis, e dentre eles os diligentes executores das ordens desumanas, não eram algozes natos, não eram (salvo poucas exceções) monstros: eram homens comuns. Os monstros existem, mas são muito poucos numerosos para serem verdadeiramente perigosos; os mais perigosos são os homens comuns, os funcionários prontos a ceder e a obedecer sem discussão, como Eichmann, como Höss, comandante de *Auschwitz*, como Stangl, comandante de Treblinka.

A narrativa sobre a ação dos *Kapos*, dos “homens comuns” e dos S.S. nos dirige ao interior da “zona cinzenta”, termo que Primo Levi (1990) cunhou para expor o espaço “aquém do bem e do mal”, onde as categorias morais que usamos diariamente perderam sua validade, exigindo novas construções teóricas e conceituais. A “zona cinzenta” é o *locus* onde viveu o homem desprovido dos laços afetivos e sociais para com o outro, sem perspectiva de vida, reduzido à existência zoológica, dentro da qual o corpo, exaurido pela fome e pelo trabalho extenuante, impôs sua prioridade absoluta. Numa sentença concisa sobre a vida na “zona cinzenta”, Levi (1990, p.18) afirmou que no seu interior os prisioneiros eram reduzidos a “[...] mil mônadas impermeáveis e, entre elas, uma luta desesperada, oculta e contínua. Espaço onde os prisioneiros sofriam uma nova transformação: de oprimidos passavam a opressores de outros prisioneiros. Embrutecidos pela fome e pelo esgotamento físico e mental e, sobretudo, “diante da morte” desaparecia segundo Levi (1990, p.90) “[...] o limite entre a cultura e a incultura.

A narração da existência de outro produto do *Lager*, o muçulmano, é o ponto mais alto das equações sociais, logo políticas, que Primo Levi nos revelou sobre o espaço totalitário. Levi (1997a, p.91) afirmou a existência dos muçulmanos como sendo:

[...] a história – ou melhor, a não-história – de todos os ‘muçulmanos’ que vão para o gás, é sempre a mesma: simplesmente, acompanharam a descida até o fim, como os arriões que vão até o mar. Uma vez dentro do Campo, ou por causa da sua intrínseca incapacidade, ou por azar, ou por um banal acidente qualquer, eles foram esmagados antes de conseguir adaptar-se; ficaram para trás, nem começaram a apreender o alemão e a perceber alguma coisa no emaranhado infernal de leis e proibições, a não ser quando seu corpo já desmoronava e nada mais poderia salvá-los da seleção ou da morte por esgotamento. A sua vida é curta, mas seu número é imenso; são eles, os ‘muçulmanos’, os submersos, são eles a força do Campo; a multidão anônima, continuamente renovada e sempre igual, dos não-homens que marcham e se esforçam em silêncio; já se apagou neles a centelha divina, já estão tão vazios, que nem podem realmente sofrer. Hesita-se em chamá-los vivos; hesita-se em chamar ‘morte’ à sua morte, que eles já nem temem, porque estão esgotados demais para poder compreendê-la. Eles povoam minha memória com sua presença sem rosto, e se eu pudesse

concentrar numa imagem todo o mal do nosso tempo, escolheria essa imagem que me é familiar: um homem macilento, cabisbaixo, de ombros curvados, em cujo rosto, em cujo olhar, não se possa ler o menor pensamento.

Na descrição do muçulmano, do homem que submergiu para não mais voltar como ser humano, podemos compreender melhor o sentido do campo de concentração e extermínio, bem como saber o que o homem pode realizar com outro homem. Espaço no qual o homem regrediu para uma dimensão animal, biológica, física; espaço onde se fez uma experiência bio-política na qual para Agamben (1998, p.47) “[...] judeu se transforma em muçulmano, e o homem no não-homem”, o vivo no morto-vivo. O campo simboliza o limite onde foi degradada tanto a vida como a morte, onde se estilhaçou a ética da dignidade e humanidade. O muçulmano, funesto jargão carregado de sentidos criado em *Auschwitz*, era o excluído do seu contexto social e político e lançado no espaço vazio de sentido; retirado à força do mundo dos homens, paradoxalmente, habitou um mundo criado pelo próprio homem. Representa, portanto, o fim do processo de desumanização, no qual enfatizou Levi (1998, p.64) para o fato de que “[...] o tecido das relações humanas estava completamente destruído”, e mesmo sendo em aparência humano, deixou de sê-lo. Wiesel (2001 apud AGAMBEN, 1998, p.31) afirmou o mesmo acerca dos muçulmanos: “[...] aqueles que viveram tal experiência não souberam jamais o que se passou; aqueles que a viveram não a disseram jamais, não verdadeiramente até o fundo”. Produto da situação extrema, resultado da bio-política do nazismo, o muçulmano era aquele no qual a humanidade fora destruída e, sem a consciência moral e o sentido social dos afetos, sobrevivia executando o trabalho escravo até finalmente encontrar a morte.

O muçulmano, aquele que desceu até o fundo e viu a face gorgônea do homem, composta pela ferocidade, brutalidade e morte, seria para Levi (1990) a testemunha integral do *Lager*, logo, aquele que poderia dizer com precisão o que também é o homem. Morto antes da morte efetiva do corpo, sem consciência moral, existindo como um ser sem fala e pensamento, o muçulmano era o resultado comum e final que totalitarismo reservava ao *Untermensch*. Primo Levi, testemunha por delegação que fala pelos afogados, pelos muçulmanos, viveu profunda e dolorosamente a aporia de ser uma testemunha parcial, que não poderia dizer em profundidade o que foi o *Lager*. Contudo, é da sua fala, da

sua narrativa, que podemos compreender a vida no interior do universo totalitário. Na boa equação de Agamben (1998, p.63), “Levi, que testemunha pelos afogados, que fala em vez deles, é o cartógrafo desta nova terra [...] o implacável agrimensur do *Muselmanland*”. Cartógrafo, portanto, da terra onde vigorou o estado de exceção permanente, onde a norma era a violência e a ausência do direito e dos direitos, um espaço desumano concebido pelo humano, dentro do qual apontou Primo Levi (1990, p.125) que “[...] a destruição de um povo e de uma civilização se revelou possível e desejável.”

Em 1982, questionado acerca da sua condição de escritor-testemunha, afirmou que “sentia o ofício de escrever como um serviço público que deve funcionar” e que “o livro escrito deve ser um telefone que funcione” (LEVI, 1998, p.38). Para o autor que se caracterizou por ponderar e refletir cuidadosamente o senso das palavras, as metáforas empregadas foram precisas: o sentido de sua narrativa era comunicar ao leitor a existência de *Auschwitz*, possibilitando que as informações fossem transformadas em conhecimento e o conhecimento em consciência moral e civil. Foi o que procurou realizar em quarenta anos de narrativa, desde *É Isto um Homem?* até *Os Afogados e os Sobreviventes* (último livro publicado por nosso autor, escrito em meio ao revisionismo histórico e as ideologias que negavam a existência das câmaras de gás e dos fornos crematórios), no qual Levi (1990, p.124) argumentou que *Auschwitz* “[...] aconteceu, logo pode acontecer de novo: este é o ponto principal de tudo quanto temos a dizer”. A permanente recordação do universo de terror absoluto do *Lager*, visando sempre a melhor compreensão da sua essência e dinâmica, e a esperança de que as novas gerações apreendessem com tal catástrofe, evitando sua repetição na história, formam uma espécie de hendiádis presente em sua narrativa caracterizada por Ítalo Calvino (1997, p.239) como sendo toda ela composta pelo “[...] forte senso da substância moral e civil de toda experiência”.

ZUIN, João Carlos Soares. Primo Levi: the writer-witness of Auschwitz. *Perspectivas*, São Paulo, v.29, p.193-216, jan./jun. 2006.

■ **ABSTRACT:** *Primo Levi (1919-1987) had a survive and narrator of the Auschwitz. The goal of this article is to supply elements for the study of the Primo Levi's intellectual role.*

■ **KEYWORDS:** *Primo Levi. Narrative. Auschwitz. Modernity.*

Referências

- ADORNO, T. W. *Dialectica negativa*. Madrid: Taurus, 1986.
- AGAMBEN, G. *Quel che resta di Auschwitz*. Torino: Bollati Boringhieri, 1998.
- AGAMBEN, G. *Homo sacer*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.
- ARENDT, H. *Essays in understanding*. New York: Harcourt Brace, 1993.
- BURGIO, A. La lingua dei Signori della erra: il razzismo nazista tra biologia e culturalismo. *l'impegno*, Province Biella, v. 24, n. 3, dez. 1994. Disponível em: < <http://www.storia900bivc.it/>>. Acesso em: 15 ago. 2005.
- _____. *La guerra delle razze*. Roma: Manifesto Libri, 2001.
- CALVINO, I. Le quattro strade di Primo Levi. In: LEVI, P. *La ricerca delle radici*. Torino: Einaudi, 1997. p. 239-241.
- EMPÉDOCLES. *Os pré-socráticos*. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- FREUD, S. El malestar en la cultura. In: _____ *Obras Completas*. Buenos Aires: Santiago Rueda, 1955. v. 19, p.11-90.
- HOBBSAWM, E. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- JOHNSON, P. *Tempos modernos: o mundo dos anos 20 aos 80*. Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 1990.
- LEVI, P. *Se questo è un uomo: la tregua*. Torino: Einaudi, 1989.
- _____. *Os afogados e os sobreviventes*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- _____. *A tabela periódica*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- _____. *I racconti. Storie naturali, Vizio di forma, Lilit*. Torino: Einaudi, 1996.
- _____. *É isto um homem?* Rio de Janeiro: Rocco, 1997a.
- _____. *A trégua*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997b.
- _____. *Entrevistas y conversaciones*. Barcelona: Península, 1998.

SEMPRUN, J. *A escrita ou a vida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

TODOROV, T. *Em face do extremo*. Campinas: Papirus, 1995.

_____. *Memoria del male, tentazione del bene*: inchiesta su un secolo tragico. Milano: Garzanti Libri, 2001.

WEBER, M. El sentido de la neutralidad valorativa de las ciencias sociológicas y económicas: 1917. In:_____. *Ensayos sobre metodología sociológica*. Buenos Aires: Amorrortu, 1973. p.222-269.

WIESEL, E. *A noite*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.